

Os números do crescimento

O Independente, 4-8-94

É possível identificar dois ciclos económicos em Portugal depois do 25 de Abril. Dois ciclos que, embora tivessem decorrido em circunstâncias económicas e políticas muito diversas, apresentam resultados em termos de crescimento que não diferem substancialmente. Os ciclos económicos são, talvez, uma dos fenómenos mais discutidos em economia. A desejabilidade de os governos levarem a cabo políticas para reduzir as flutuações da actividade económica, e a efectividade de cada um dos instrumentos na prossecução desse objectivo tem sido alvo de aceso debate ao longo dos anos e motivo de clivagem entre as principais escolas de pensamento. Dada a inexistência de consensos, a actuação das autoridades económicas acaba por reflectir opções, cuja discussão alimenta o debate político.

A maneira mais simples de identificar as flutuações cíclicas da actividade económica é medir os desvios do produto (em logaritmo) relativamente a uma tendência linear. Na Figura Um apresentamos o resultado desse exercício para os últimos 20 anos em Portugal.

Na interpretação, não podemos deixar de salientar a forma extremamente sugestiva com que se apresentam aquilo a que poderemos chamar os dois primeiros ciclos económicos completos verificados em Portugal após o 25 de Abril. O primeiro ciclo terá começado no rescaldo do período revolucionário, com a recuperação de 1976, e terminado em 1985, ano de retoma incerta, em que os efeitos do ajustamento económico de 1983-84 ainda se faziam sentir. O segundo ciclo ter-se-á iniciado com a recuperação de 1986, terminando agora em 1994, que é também um ano misto de fim de recessão e início de retoma. É interessante notar que a fase de expansão do primeiro ciclo não foi interrompida pelo programa de estabilização de 1978-79, facto que em larga medida se ficou a dever ao elevado dinamismo com que o sector exportador respondeu a uma política cambial mais realista e ao crescimento da economia mundial. De notar também que estes dois ciclos da economia portuguesa acompanham de perto, embora com algum desfasamento, dois ciclos semelhantes verificados nos países industrializados.

Identificados os dois períodos, afigura-se-nos sugestiva a sua comparação. Porque eles decorreram em contextos económicos muito diversos e em cada um deles foram aplicadas receitas políticas diferentes:

- Durante o primeiro período Portugal experimentou uma liberalização comercial lenta em relação à Europa. No segundo, essa aproximação acentuou-se decisivamente, culminando com a eliminação (quase) total de barreiras à circulação de pessoas e bens em 1993.
- Durante o primeiro período assistiu-se a uma constante instabilidade política, devido à inexistência de maiorias absolutas no Parlamento. No segundo, os governos foram estáveis e todos eles conduzidos pelo mesma força política.

- No primeiro período o risco político associado à economia nacional era grande e havia dificuldades na obtenção de financiamento externo. O segundo coincidiu com a aplicação do primeiro pacote de ajudas comunitárias e a elevada confiança na economia nacional traduziu-se numa rápida expansão do investimento estrangeiro.
- No primeiro período as inflexões da política económica foram bruscas, tendo ocorrido duas crises na Balança de Pagamentos seguidas de dois programas de estabilização económica. No segundo, as alterações de política foram mais suaves, sendo por vezes difícil determinar exactamente os momentos de viragem.
- O primeiro período decorreu sob os efeitos dos choques petrolíferos e a preocupação fundamental das autoridades económicas foi a manutenção do equilíbrio externo. No segundo, o preço do petróleo manteve-se baixo e a prioridade da política macro-económico foi o combate à inflação.

Em suma, o contexto internacional, as condições institucionais e as opções da política económica foram globalmente diferentes antes e depois de 1986. E por isso não seria de estranhar se o ritmo de crescimento da economia fosse também diferente.

Com alguma surpresa verificamos que tal não foi o caso. No Quadro Um apresentamos as taxas de crescimento tendências do Produto Interno Bruto (dadas pelas médias geométricas das taxas anuais) em 1976-85 e 1986-94 e verificamos que elas são praticamente iguais, rondando os 2,9%. Repare-se que estas médias só podem ser interpretadas como taxas de crescimento tendências quando ciclos económicos completos são considerados. Por exemplo, a comparação entre o subperíodo 1974-1985 e o subperíodo 1986-1992 não seria lícita, pois induzir-nos-ia a concluir erroneamente que teria havido uma descolagem da economia portuguesa no segundo período relativamente à trajectória de crescimento observada no primeiro. Já a inclusão, mais ou menos discutível, do ano de 1985 no primeiro ou no segundo ciclo é, neste caso, indiferente, pois não altera qualitativamente as respectivas médias.

Da comparação, não podemos evidentemente retirar qualquer ilação do tipo causa-efeito acerca do que quer que seja. Mas também não podemos deixar de observar que um crescimento idêntico em tendência antes e depois de 1986 é um dado inesperado, que não pode deixar de constituir motivo de reflexão.

MLF, Lisboa, 25/7/1994

Figura Um
Flutuacoes ciclicas da economia

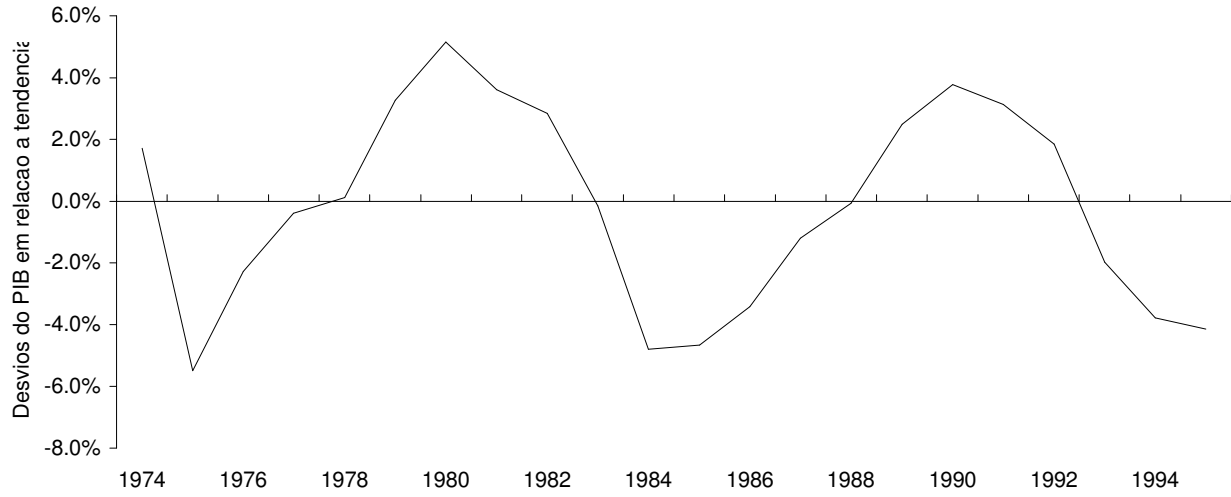
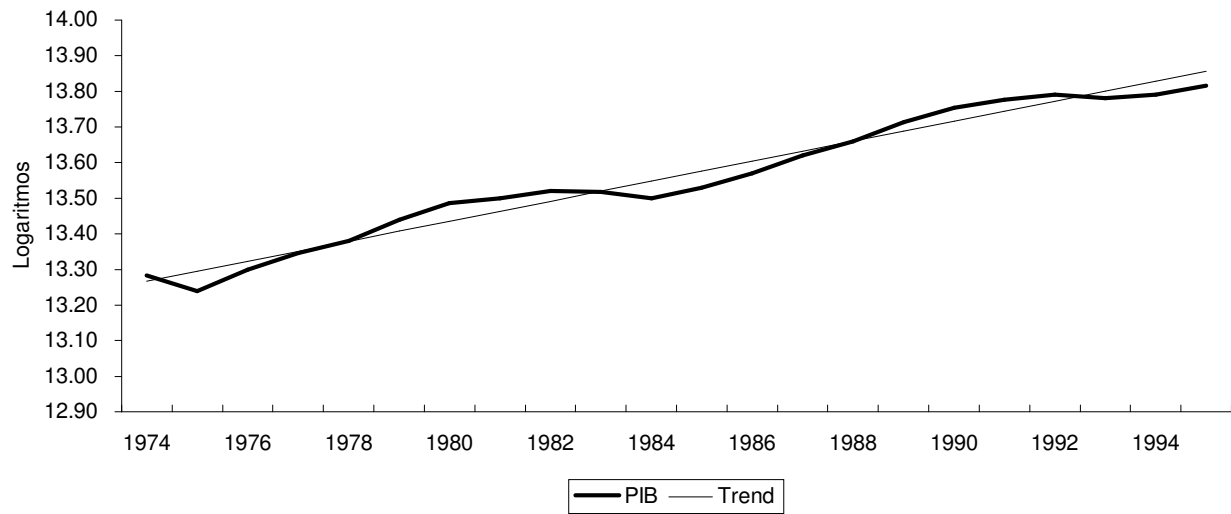


Figura Dois
PIB observado e tendencial



Quadro Um: PIB e Ciclos Económicos

Ano	Taxas de crescimento anuais	Desvios em relação a tendência
1976	6.2%	-2.3%
1977	4.8%	-0.4%
1978	3.4%	0.1%
1979	6.1%	3.3%
1980	4.8%	5.2%
1981	1.3%	3.6%
1982	2.1%	2.9%
1983	-0.2%	-0.2%
1984	-1.8%	-4.8%
1985	3.0%	-4.7%
1986	4.1%	-3.4%
1987	5.1%	-1.2%
1988	4.0%	-0.1%
1989	5.5%	2.5%
1990	4.2%	3.8%
1991	2.2%	3.1%
1992	1.5%	1.8%
1993	-1.0%	-2.0%
1994	1.0%	-3.8%
1995	2.5%	-4.1%

Taxas de crescimento tendenciais:

1976-85 2.936%

1986-94 2.904%

Fonte: Banco de Portugal

- Até 1992: Series longas (Dez 1992)
e último relatório anual

- 1993 e 1994: Previsões de Maio

Nota: Em 1994 consideramos o valor médio do intervalo de previsão [0.5,1.5].